

CENÁRIO PÓS-BAKHMUT NA GUERRA DA UCRÂNIA

Por M. K. Bhadrakumar*



O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, se encontrou com o presidente dos EUA, Joe Biden, no Japão, à margem da Cúpula do G7 (Presidência da Ucrânia).

A Ucrânia pagou um alto preço em sangue ao tentar manter Bakhmut, que passou a ser chamada de “moedor de carne”.

O presidente da Ucrânia, Zelensky, e o presidente dos Estados Unidos, Biden, se reuniram à margem da Cúpula do G7 em Hiroshima horas após a [declaração do Kremlin](#) no último domingo, transmitindo as saudações do presidente Vladimir Putin às forças russas pela “conclusão da operação de libertação de Artemovsk” (conhecida como Bakhmut na Ucrânia).

A operação durou 224 dias e se transformou em uma batalha épica. A Ucrânia pagou um alto preço em sangue ao tentar manter Bakhmut, que passou a ser chamada de “moedor de carne”. Analistas americanos listaram 25 brigadas ucranianas e pelo menos nove batalhões e cinco regimentos – um destacamento estimado de 120.000 soldados no mínimo – lançados na batalha por Kiev. Estimase que 70% das baixas significariam que a Ucrânia sofreu mais de 70.000 mortos e feridos. É uma derrota devastadora.

A doutrina militar convencional diz que um exército atacando uma força entrincheirada precisará de pelo menos três vezes mais soldados do que a força defensora em fortificações. Mas os combatentes da Wagner totalizando 32.000 combatentes enfrentaram uma força substituta da OTAN quase quatro vezes maior em número e equipada com armamento moderno.

O choque com a derrota esmagadora foi estampado nos rostos do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, e do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, quando [enfrentaram a mídia em Hiroshima](#) algumas horas após a publicação da declaração do Kremlin. Lendo um texto preparado, Biden anunciou, em uma grande reversão política, que os EUA estariam “lançando alguns novos esforços conjuntos com nossos parceiros para treinar pilotos ucranianos em um caça de quarta geração como o F-16”.

Enquanto isso, em uma série de incidentes vistosos, a Ucrânia começou a atingir alvos na Rússia com armas fornecidas pelos EUA e pela Grã-Bretanha. Houve ataques esporádicos de artilharia e mísseis HIMARS contra civis russos em cidades fronteiriças; dois ataques de drones ao Kremlin; e ataques de mísseis de cruzeiro britânicos Storm Shadow contra alvos na Rússia. Em um caso específico na semana passada, houve uma [incursão transfronteiriça](#) na região de Belgorod com veículos e armas fornecidos pelos EUA. Mas nenhum desses ataques pode ser considerado como “game changer” (“mudança de jogo”).

Enquanto os EUA e o resto da OTAN fingem ignorância sobre esses ataques, o fato principal é que a Ucrânia obtém dados de direcionamento que somente as fontes de inteligência da OTAN poderiam fornecer. Assim, a linha vermelha de décadas que remonta à Guerra Fria foi violada – ou seja, nem os EUA nem a Rússia atacariam o território do outro lado direta ou indiretamente (eles mantiveram as grades de proteção mesmo durante a jihad afegã na década de 1980).

Haverá consequências. O primeiro sinal disso veio com a notícia de que [armas nucleares já estão sendo implantadas na Bielorrússia](#) e o ministro da Defesa, Sergey Shoigu, estava em Minsk para assinar o acordo necessário detalhando a logística de implantação. Biden disse a repórteres na sexta-feira, depois de retornar do Japão, que sua reação à implantação russa é “extremamente negativa”.

Mas, na realidade, a intenção de Moscou é fornecer à Bielorrússia capacidade de dissuasão contra qualquer movimento precipitado da OTAN, como cortar o acesso a Kaliningrado. A propósito, os EUA também mantêm armas nucleares em solo europeu há muitos anos.

Mas um ponto de inflamação sempre pode surgir. O próximo exercício da OTAN com o codinome Air Defender 23 (de 12 a 23 de junho) será o exercício militar mais significativo já realizado nos céus europeus e o mais extenso exercício de implantação de forças aéreas na história da aliança ocidental – envolvendo 25 países da OTAN, 10.000 militares e aproximadamente 220 aeronaves.

Para citar Larry Johnson, conhecido blogueiro americano e ex-analista da CIA, “uma operação de treinamento desse tamanho e escala no contexto de tensões elevadas na região é semelhante a acender um fósforo em um tanque de armazenamento de gasolina”. Dito isto, no nível tático, os militares russos também estão se posicionando para novas operações para completar a liberação de Donbass, depois de ter obtido o controle de Bakhmut, que é um importante centro de comunicação através do qual toda a logística ucraniana passou ao longo do arco de Donetsk até Seversk até aqui.

Uma reportagem do *Izvestia* na quarta-feira disse, citando a opinião de especialistas, que Avdiivka e Maryinka são “as próximas da fila... para Konstantinovka e Slavyansk. Estas são as duas últimas cidades da grande aglomeração de Donbass, seguidas pela estepe (conduzindo em direção ao rio Dnieper), onde será muito difícil para o inimigo resistir”.

Mais uma vez, os combatentes Wagner estão sendo substituídos por forças russas regulares para futuras operações. O porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, disse em [entrevista à TV russa](#) na sexta-feira: “É difícil dizer onde está o ponto de ruptura... Obviamente, o grau de envolvimento direto e indireto neste conflito pelos países do Ocidente coletivo está aumentando dia a dia. Isso pode prolongar o conflito, mas não mudará drasticamente a maré. Não pode virar a maré de jeito nenhum. A Rússia continuará com a operação e garantirá seus interesses de uma forma ou de outra e alcançará os objetivos designados.”

Enquanto isso, a Rússia tem conduzido uma intensa campanha de bombardeio para tornar difícil para Kiev reunir a mão de obra e o poder de fogo necessários para lançar e manter uma operação ofensiva além de alguns dias, e está [intensificando suas operações](#) em geral para dizimar as capacidades militares da Ucrânia.

O “conhecido desconhecido” é como a campanha eleitoral dos EUA em 2024 afetará a trajetória da guerra. A mudança de Biden no F-16 pode ser vista como uma reação instintiva. Até o general Mark Milley, chefe do Estado-Maior Conjunto, admite que o [F-16 não é uma “arma mágica”](#).

Enquanto isso, a [Rússia continua a sondar as intenções dos EUA](#). Em entrevista à prestigiosa revista *International Affairs*, o vice-ministro das Relações Exteriores da Rússia, [Sergey Ryabkov, disse na sexta-feira](#) que “a elite governante dos EUA se consolidou em grande parte em uma base antirrusa, independentemente da filiação partidária. Na minha opinião, a situação está se transformando em um caso de força maior”.

No entanto, Ryabkov, que é a “pessoa de referência” de mais alto escalão para as relações com os EUA no Ministério das Relações Exteriores, também acrescentou: “Não importa como as coisas acabem, estamos dispostos a manter o diálogo com quem quer que chegue ao poder (nos EUA), permaneça no poder.”

Portanto, a renúncia da Ucrânia à adesão à OTAN e à UE e o retorno ao *status* neutro e não alinhado continuará sendo uma das condições principais de um processo de paz bem-sucedido na Ucrânia. A grande questão é até onde a OTAN irá em sua próxima cúpula em julho em Vilnius; isso significaria a adesão plena da Ucrânia ou algo mais? A probabilidade de grandes decisões em Vilnius pode, talvez, ser descartada.

Curiosamente, o [Kremlin instintivamente se entusiasmou](#) com a ideia de um telefonema para Putin “no devido tempo”, expresso pelo chanceler alemão Olaf Scholz logo após seu retorno a Berlim da cúpula do G7 em Hiroshima. Berlim tem consistentemente desfavorecido qualquer movimento precipitado da OTAN a propósito da adesão da Ucrânia.

Em entrevista ao *Wall Street Journal* na sexta-feira comemorando seu centenário, Henry Kissinger também [observou](#) que “a oferta de colocar a Ucrânia na OTAN foi um erro grave e levou a esta guerra”. Kissinger defendeu, em vez disso, maior clareza na posição da Rússia em relação à Europa, sinalizando que, embora a Rússia esteja interessada em promover laços com a Europa para seu próprio desenvolvimento, ela também é cautelosa com possíveis ameaças vindas do Ocidente.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
